

SALUBRIDADE E URBANISMO SÉCULO XIX E XX.

Marcela de Moraes Negreiro; Rodrigo Vitorino Assumpção (orientador)
Arquitetura e Urbanismo
Marcela.negreiro@edu.ung.br

PALAVRAS-CHAVE: Urbanismo. Sanitarismo. Higienismo. Salubridade e Saúde Pública.

A presente pesquisa visa analisar algumas questões do urbanismo ocorridas na cidade de São Paulo, no final do século XIX e início do século XX, através de um grupo de médicos e reformadores urbanos, responsáveis pelas obras públicas. Procuramos apresentar, como a noção pública, e os conceitos de higienismo da época, estão presentes nas justificativas e escolhas para a implantação de edifícios como: cemitérios, matadouros, hospitais de isolamento. Esse período de análise é justamente aquele no qual predomina uma teoria miasmática, onde justificam a escolha para o isolamento destes edifícios públicos. A presente pesquisa visa analisar as inter-relações existentes entre os conhecimentos médicos e as concepções urbanas. Sendo assim torna-se importante pelo fato de estudar uma fase da cidade de São Paulo de grandes transformações na paisagem urbana. O objeto de estudo é uma área de São Paulo urbanizada a partir da segunda metade do século XIX, realizando e investigando sobre o fator de Higienismo e sobre a implantação de edifícios insalubres desse local. Relatando sobre os fatores de higienização, tais como a atuação dos profissionais para o combate as epidemias, as suas divisões, opiniões, para que mudassem a paisagem urbana, e a salubridade da cidade. Em São Paulo, devido ao grande número de epidemias que eram propagadas pelos miasmas através de práticas consideradas insalubres, os profissionais sanitaristas resolveram adotar algumas posturas para a higienização e saúde da cidade, considerando que alguns edifícios insalubres como: hospitais, matadouros, lazaretos, deveriam ser levados para longe dos centros urbanos. E outros edifícios fossem criados devido à precisão, para minimizar os problemas decorrentes das teorias miasmáticas. Os médicos reformadores, juntamente com algumas autoridades, deram início a uma batalha visando, medicar as cidades e, conseqüentemente, destruir todos os possíveis focos de contágio, responsáveis pelas intermináveis epidemias que assolavam as cidades. A intervenção urbana prolonga-se dando formas às ruas, praças e edificações, apontando uma nova postura urbanística, trazendo um traçado de uma cidade mais saudável.

Projeto elaborado com o apoio do Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Guarulhos – PIBIC-UnG (Rodada II - 2010)